



MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER

Prof^a Ms. Maria Teresa Hellmeister Fornaciari¹

<http://lattes.cnpq.br/0954324832250825>

RESUMO – No dizer do próprio Mário de Andrade, num prefácio não publicado, *Macunaíma* não passa duma antologia do folclore brasileiro. E este texto pretende analisar alguns aspectos desse folclore esparramado pelas páginas da obra entendida como um dos grandes pilares da Literatura Brasileira. Além disso, a ficção não só espelha o que o homem brasileiro foi, o que ele é e o que ele será (?), mas também trata do escritor brasileiro, de suas raízes profundas e imprescindíveis para que ele possa nascer e florescer com desenvoltura e talento. Este texto também objetiva trazer à luz a importância desses genuínos valores nas composições artísticas, assim como se pode observar no texto grandioso de Mário de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE – alegoria, iconoclastia, antropofagia, folclore, identidade brasileira.

ABSTRACT – According to an unpublished preface, Mário de Andrade himself said that *Macunaíma* is an anthology of Brazilian folklore. This text aims to analyse some aspects of this folklore throughout the pages of the work seen as one of the major pillars of Brazilian literature. In addition, the fiction not only mirrors what the Brazilian man was, what he is and what he will be (?) but focalizes the Brazilian writer, his deep and indispensable roots so that he can be born and flourish with resourcefulness and talent as well. This text also aims to highlight the importance on using these genuine values on art compositions as it was accomplished in the remarkable text of Mário de Andrade.

KEYWORDS – allegory, iconoclasm, anthropophagy, folklore, Brazilian identity.

Macunaíma é a obra-prima de Mário de Andrade e, provavelmente, a mais importante realização da primeira fase do Modernismo Brasileiro. Representa não só o resultado de pesquisas de Mário como poeta, prosador, músico e folclorista, mas também a plena realização do projeto nacionalista dos escritores de sua geração. O autor, à semelhança de um verdadeiro rapsodo

¹ Mestre em Literatura pela PUC/SP.



(nome dos antigos poetas gregos ambulantes, que iam de cidade em cidade recitando versos alheios e cristalizando toda uma tradição oral), percorreu o país e reuniu estudos sobre mitologia indígena, folclore nacional, costumes e língua cotidiana dos brasileiros e, em uma semana do mês de dezembro de 1926, redigiu a primeira versão da obra que, dois anos depois, seria editada após mais quatro redações.



Mário na Rede, Lasar Segall; foto de Cacalo Kfourri/Divulgação ²

Com o subtítulo *“o herói sem nenhum caráter”* o livro é uma história de busca e, de acordo com Haroldo de Campos, compõe-se de dois grandes movimentos. O primeiro gira em torno da **muiiraquitã**: Macunaíma, que nascera *“no fundo do mato virgem”* e *“era filho do medo da noite”*, depois da morte da mãe, deixa seu local de origem – a tribo Tapanhumas – e inicia uma busca ainda não muito definida. Encontra **Ci**, rainha das Icamíabas e Mãe do Mato, por quem nutre um amor profundo e verdadeiro; aprende com ela muitos “jogos de amor” diferentes das “brincadeiras” com as cunhãs, com que estava acostumado. Quando morre o filho de ambos, Ci vai para o céu, como ocorria normalmente com as mulheres valentes e fortes, *“virada numa estrela”*. Antes, porém, dá a Macunaíma *“uma muiiraquitã famosa”*, espécie de talismã da sorte, que ele leva no beijo inferior. No entanto, numa briga com Capei, monstro fantástico, Macunaíma perde seu amuleto; fica sabendo que a pedra fora engolida por uma tartaruga, pescada por um mariscador e vendida para Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, que mora em São Paulo. Assim, delineia-se o grande objetivo do herói: recuperar a muiiraquitã e voltar ao ponto de partida.

² Foto extraída de: <http://www.google.com.br/imgres>.



O segundo movimento da rapsódia relaciona-se ao antagonismo entre Macunaíma e **Vei**, a deusa **Sol**, que, a certa altura da narrativa, oferecera ao herói uma de suas três filhas em casamento. Para tanto, Macunaíma lhe deveria ser fiel e não mais “brincar” com ninguém. Porém, ele não resiste a uma varina portuguesa, quando Vei se afasta com suas filhas com a chegada da noite. A Sol apenas voltaria no início do dia e o herói aproveita para namorar a portuguesa, subestimando a aliança com Vei. Trata-se de uma alegoria dos destinos do Brasil, que abandonara a possibilidade de construir uma grande civilização tropical (baseada na aliança solar) e enveredou pelos caminhos europeus. Vei persegue Macunaíma em toda sua trajetória e, no final, faz com que sua sensualidade seja novamente aguçada:

Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas da luz.” Lança-o nos braços da Uiara: “A dona ali, diz-que abrindo os braços mostrando a graça fechando os olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço, estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória.

Assim, a Uiara, traiçoeira, aculturada representação da sereia europeia, fere-o e leva-o a perder novamente a muiraquitã, mas agora para sempre.

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a identidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa me parece que certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é uma novidade pra mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter. Brasileiro não. Está que nem ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma[...]. Este livro afinal não passa duma antologia do folclore brasileiro.³

³ Prefácio não publicado de *Macunaíma*, por Mário de Andrade.



Interessante observar que tanto Ci (e também as outras cunhãs, as índias Icamiabas com quem Macunaíma “brinca”) quanto a muiraquitã representam simbolicamente o que Mário de Andrade pretendia para os destinos da Literatura: *a identidade nacional*. Tais “brincadeiras”, muitas vezes, são descritas com requintes de “luta sanguinária”, pois as cunhãs simbolizam a cultura brasileira que deve ser deglutida e assimilada para que, de fato, o caráter nacional possa ser conquistado. E isso é tarefa árdua, muito árdua. Assim, pode-se dizer que toda vez que ocorre a “brincadeira”, o relacionamento sexual, há a ideia de que o domínio da cultura brasileira é não só prazerosa, mas também envolve sofrimento e, muitas vezes, determinação e empenho para que se concretize:

Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza. [...] E escancarava as narinas mais. Vinha uma tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele. Porém a Mãe do Mato inda não estava satisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava para não desmentir a fama só. [...] – Ai! que preguiça!... que o herói suspirava enfarado. E dando as costas pra ela adormecia bem. Mas Ci queria brincar inda mais... Convidava convidava... O herói ferrado no sono.

Assim, quando Ci vai para o céu, a simbologia da cultura brasileira que necessita ser dominada continua associada à muiraquitã. Isso tudo explica claramente o subtítulo: “o herói sem nenhum caráter”. Macunaíma, o protagonista marcado pela junção de opostos, é herói (apresenta características sobrenaturais incomuns) desmitificado (próximas ao homem comum) e, ao mesmo tempo, anti-herói (protagonista humanizado com fraquezas físicas e morais) mitificado (lembra os heróis gregos, em alguns momentos) e representa não só o homem brasileiro, em busca de sua identidade (entendendo-se a ausência de caráter como ausência de valores nacionais), mas também o escritor brasileiro que pretende “andar com suas próprias pernas”, libertando-se do modelo europeu que, até então, ditava as normas e as regras para a literatura.

Outros personagens que ainda merecem destaque por sua simbologia: Maanape e Jiguê, irmãos inseparáveis, formam com Macunaíma a raça brasileira; Venceslau Pietro Pietra, o Piaimã, é representação do perigo da perda da identidade nacional; Sofará, Iriqui e Suzi – mulheres de Jiguê – são signos da “brincadeira”, da naturalidade da cultura brasileira, desprezada pelos escritores eruditos, em prol do artificialismo.



Considerando-se o aspecto formal, verifica-se que, embora predomine o foco narrativo de terceira pessoa, o autor promove cortes bruscos no discurso do narrador, dando vez à fala direta dos personagens, o que imprime velocidade, simultaneidade e continuidade ao relato, numa tendência bastante futurista. Explora também sistematicamente a técnica da enumeração caótica, desencadeando um ritmo de embolada por não usar vírgulas; por vezes, isso produz efeito cômico, na medida em que dá às palavras, assim aglutinadas cubisticamente, um duplo sentido: “advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos”. No epílogo do texto, o narrador-poeta, em um procedimento metalinguístico, também se identifica com o leitor, em sua condição de rapsodo, usando uma linguagem popular, “impura” e poética:

E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra contar a história. Por isso que vim aqui. Me acorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Segundo Drummond, “bastava este livro para dar ao Modernismo lugar ao sol e para justificá-lo no plano da América”. Com efeito, observam-se, na obra em estudo, os dois grandes conceitos imprescindíveis para o entendimento dos principais valores da primeira fase do Modernismo brasileiro – a *iconoclastia* (ícono = imagem; clastia = destruição), pois os escritores desse primeiro momento pretendiam “destruir” os modelos europeus, para que a Literatura Brasileira “ficasse com a cara do Brasil” e a *antropofagia* (antropo = homem; fagia = comer), porque tais escritores, apesar de iconoclastas, não negavam os modelos importados, mas reelaboravam-nos com autonomia. Dessa forma, sobejam exemplos onde se observam o nacionalismo crítico:

Ora se alimpam - as donas de São Paulo -, e gastam horas nesse delicado mester, ora encantam os convívios teatrais da sociedade, ora não fazem coisa alguma. (cap. IX),

a crítica à burguesia

... as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagosta. (cap. IX)



e à linguagem formal

“Nas conversas, utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes [...]. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliano, no dizer dum panegirista meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! (cap. IX),

a pontuação relativa e a liberdade na escolha das palavras

Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbom vogava e a moeda tradicional não era mais cacau, em vez, chamava arame contos contecos milréis borós tostão duzentoréis quinhentoréis, cinquenta paus, noventa bagarotes, e telegas cobres xenxéns caraminguás selos bicos-de-coruja massuni bolada caucáreo gimbra siridó bicha e pataracos, assim, adonde até liga pra meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaus. (cap. V),

84

a paródia

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos...” (paródia dos Lusíadas de Camões – cap. IX),

a valorização do cotidiano

E o Estado de São Paulo era um jornal. Então Macunaíma gastava o dia lendo todos esses anúncios de remédios para erisipa. Eram muitos anúncios! (cap. XIII)

e das vanguardas europeias tão em voga, como o Expressionismo

Era a companheira nova dele (Jiguê) e chamava Iriqui. Ela trazia sempre um ratão vivo escondido na maçaroca dos cabelos e faceirava muito. Pintava a cara com araraúba e jenipapo e todas as manhãs passava coquinho de açaí nos beijos que ficavam totalmente roxos. Depois esfregava limão-de-caiena por cima e os beijos viravam totalmente encarnados. Então Iriqui se envolvia num



manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essência de umiri, era linda. (cap. II),

o Futurismo/o Cubismo

... os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos faróis relógios rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina! (cap. V)

e o Surrealismo

Daí ela sorriu feliz. Catou sem contar todos os piolhos que restavam e eram muitos piolhos, atrelou-os a uma cadeira de balanço, sentou nela, os piolhos pularam e Suzi foi pro céu virada na estrela que pula. (cap. XIII).

Ainda há que se pontuar alguns aspectos que merecem cuidado especial em termos de análise: a viagem dos três irmãos pelo Rio Araguaia (capítulo V), quando os “manos” tomam banho na lapa encantada e Macunaíma fica branco, Jiguê, da cor do bronze novo e Maanape apenas molha a palma dos pés e das mãos – uma alegoria das três raças formadoras de nossa pátria; a ironia pungente da “Carta pras Icamiabas”, no capítulo IX, bem no meio da rapsódia, o único escrito em linguagem formalíssima; o dístico repetido por Macunaíma a todo momento: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são”⁴.

Cumprе lembrar que, no século anterior, José de Alencar, ao escrever *Iracema*, já se propusera a criar um romance que também objetivava a autonomia cultural brasileira, fortemente marcada por uma civilização indígena. Vale a pena, então, comparar esses dois grandes pilares da Literatura Brasileira - *Iracema* e *Macunaíma*: ambos certamente mantêm entre si uma conversa a respeito dos destinos de nosso país, até hoje tão carente de valores.

Em meados do século XIX, Alencar criou seu poema em prosa, tematizando o momento do início da colonização da terra brasileira, simbolizada pela “*virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira*”. O viço da índia

⁴ Importante salientar, em se tratando das SAÚVAS, a **intertextualidade** de Mário de Andrade com Lima Barreto, escritor pré-modernista (em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, pois as saúvas destroem a plantação do personagem Quaresma, nacionalista extremado, em seu sítio *Sossego*) e com Gregório de Matos, poeta satírico barroco (que enumera, num poema, as vilezas do país, terminando cada estrofe com o irônico refrão: “*Milagres do Brasil são*”).



Desenho de Cícero Dias inspirado em *Macunaíma*,
cf. *Coleção Mário de Andrade: Artes Plásticas*, IEB/USP (CASTELLO, 1999, pág. 204)

desconcertou o colonizador, que se viu atingido por sua "*flecha homicida*", mas ele não reagiu diante de tanta formosura e por força de seus padrões morais de conduta em relação à figura feminina. Era a fantasia alencariana tingindo de verde e amarelo a literatura já tão cansada de seguir padrões estrangeiros, tendências que no país tropical não tinham mais razão de existir. Logo após a Independência, era importante fazer o país grande aos olhos do mundo e o autor soube poetizar, às avessas, o momento em que o índio viu sua cultura devassada e vilipendiada pelo português, ávido de enriquecimento. A índia, representando a terra fértil e pura, seduziu o ingênuo cristão, na visão idealizadora do escritor romântico.

Um século após, Mário de Andrade segue a trajetória de seu antecessor e cria *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Cem anos não foram suficientes para que se criasse uma identidade nacional, como tanto sonhara Alencar. Sem idealização alguma, o índio "*preto retinto e filho do medo da noite*" da tribo amazonense era o oposto da índia da grande tribo do futuro Ceará. Era ele mistura das três raças que formaram a nação, era "herói de nossa gente" e, paradoxalmente, não tinha valores de nacionalidade. Era inteligente, preguiçoso, tinha pernas tortas e cara de piá, traía os próprios irmãos e tomava-lhes as mulheres. Mentia com a maior naturalidade e praticava gratuitas ou intencionais safadezas. Era imprevisível, jogava no bicho, dizia palavrões. Era individualista, sensual, preguiçoso e vivia dizendo "Ai que preguiça!". Sua trajetória, no livro do



escritor modernista, como já se colocou, consistiu em correr atrás da "muiraquitã", amuleto que ganhara de seu grande amor, Ci, a índia guerreira, antes de virar estrela no céu. Na fantasia daquele que foi considerado "papa do modernismo", a pedra da sorte, que ele buscava, representava não só o sentido de brasilidade tão escasso no coração dos brasileiros daquela época mas também o caráter nacional de que se deveria revestir a literatura, com anseios de andar por si própria. Ambos deram seu grito de guerra e suas vozes ecoaram na alma brasileira. Alencar fantasiou e Mário de Andrade ironizou nossa falta de valores.

A obra *Macunaíma*, portanto, pode ser vista como causa, como deflagradora de transformações, produto de determinada situação histórico-cultural: o mundo mudara e era urgente mudar o código que o nomeava, era imprescindível adequar-se a ele e ocupar espaços. Quanto à forma, à medida que a língua foi adequando-se a essas transformações, a proposta de radicalismo perde sua força de elemento escandalizador e integra-se naturalmente ao processo sócio-histórico-cultural. Quanto ao conteúdo, ainda é atualíssimo o brado de Mário de Andrade no sentido de que a arte, sem comprometimento com os valores nacionais, pode ter até brilho bonito, mas é inútil, à semelhança de Macunaíma: sem seu talismã e, portanto, sem objetivo de vida, é transformado na Constelação Ursa Maior: “*ia ser o brilho bonito mas inútil porém de mais uma constelação.*” Quanto à falta de caráter, o assunto continua em pauta mais do que nunca: é imperioso que os brasileiros, os tantos Macunaímas, heróis de todo território nacional, assumam o perfil de quem de fato preza os valores verde-amarelos. A obra, assim, é um clássico, contribui para que nos conheçamos melhor a nós próprios e permanece como documento extraordinário de uma época. “Tem mais não.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo, FTD, 1996.

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Ancona Porto Lopes, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Villa Rica Editoras Reunidas Limitada, 1993.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1964.



CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira – Origens e Unidade*, vol. II. São Paulo, Edusp, 1999.

COURI, Norma. *O Estado de São Paulo*, 5 de julho de 1997.

D'AMBROSIO, Oscar. *Mitos e Símbolos em Macunaíma*, São Paulo, Selinunte Editora, 1994.

